

Setor elétrico no modo “por fora”¹

Edvaldo Santana²

Pouco antes da Copa do Mundo de 2010, o governo brasileiro montou uma comitiva para ir à África do Sul, local dos jogos. O objetivo era ajudar o governo sul-africano na solução da crise de oferta de energia. Eram fortes os indícios de interrupção de fornecimento. A ideia era aproveitar nosso aprendizado com o racionamento de 2001.

Já na primeira reunião, a delegação brasileira, formada por técnicos altamente especializados, percebeu que o foco não era bem evitar a crise de oferta, já quase sem saída, mas conter seu agravamento. E tinha outro objetivo relevante, mesmo que não explícito: não deixar acontecer por lá o que aconteceu por aqui. Para quem não lembra, o candidato a presidente da República, apoiado pelo governo FHC, teria perdido a eleição por causa do racionamento.

O governo do país africano precisava mesmo era do apoio de um marqueteiro, e não de engenheiros experientes. Desde então, o problema tornou-se mais grave. São incontáveis os cortes de carga ao longo de um dia.

“Se, em janeiro e fevereiro, no NE, SE e CO, não chover o suficiente para, inclusive, repor a água que ainda não veio, o ano, do ponto de vista energético, será de muito stress”. Esta sentença, no **Valor** de 26 de dezembro de 2023, concluía “O 7 vezes 7 elétrico”. Mostrei as razões de o setor ter uma superoferta de eletricidade e, ao mesmo tempo, a conta de luz não parar de crescer.

Chegamos a 12 de março. Começou o stress. Em janeiro e fevereiro as precipitações ficaram abaixo da média histórica. Nos últimos 30 anos, só em um deles choveu em março e abril o suficiente para encher os reservatórios das hidrelétricas.

O governo, corretamente, não quis apostar. Mantida a tendência, os reservatórios, que estão com 65% de armazenamento, chegariam no fim de

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/setor-eletrico-no-modo-por-fora.ghtml>

Acessado em 12.03.2024

² Doutor em engenharia de produção e ex-diretor da Aneel

julho em perigosos 30% - ou menos. Semana passada, o Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico decidiu por uma guinada na operação do sistema. A lógica é preservar, de forma discricionária, os reservatórios de cabeceira, como na emergência hídrica de 2021.

O sistema elétrico de potência será operado, no modo “por fora”, nas escrivatinhas do Ministério de Minas e Energia e, dentro do possível, do Operador Nacional do Sistema. O estranho, mas não tanto, é que, em princípio, proteger os reservatórios de montante é tecnicamente defensável, em virtude do descrédito no modelo matemático. Mas é economicamente desequilibrado. Explico.

Há cerca de 30 meses é nulo o custo marginal de curto prazo. Na semana passada, chegou ao insignificante R\$ 0,04/MWh. É a partir dessa métrica que se identifica a necessidade de acionar termelétricas (UTES) por ordem de mérito de seus custos. Por tal indicador, nenhuma UTE seria mobilizada. O sistema elétrico viveria, assim, num “reservatório de tranquilidade” - em alusão ao mar de tranquilidade. Mas não é verdade.

Veja que interessante: no primeiro trimestre deste ano, como aconteceu nos 12 meses de 2023, o consumo de eletricidade é quase que totalmente atendido por hidrelétricas (UHEs), solares e eólicas. Dia 8 de março por exemplo, por volta do meio-dia, para um consumo de 95 GW, essas usinas produziam, respectivamente, 52 GW, 24 GW e 12 GW. O restante vinha de usinas inflexíveis, como o parque nuclear, com 2 GW, e um conjunto de UTES a gás natural, com 5 GW.

Supondo o acionamento de 4 GW adicionais de UTES por 5 meses, a despesa total será de quase R\$ 7 bilhões

No fim da tarde, quando é zero a produção da solar, mais UHEs foram despachadas, e bem mais ainda estaria disponível. Assim, só em situação muito especial, e em poucas horas de alguns dias, no máximo 1 GW de UTES seria adicionalmente despachado.

O problema é que tudo isso resulta de grave distorção. O modelo matemático, consagrado e usado com sucesso em diferentes países, admite, no Brasil, representações imprecisas das vazões e dos parâmetros de aversão a risco, o que desvirtua a oferta. E ainda não são bem capturados os efeitos das renováveis variáveis.

O modelo, em função dessas discrepâncias, parece mais uma matemática de ficções ou a otimização de pretensões, e não de dados concretos. Seus “aprimoramentos” são objetos de uma comissão que, acredite, foi criada para blindá-lo da fiscalização. Porém, o conflito de interesses é tão absurdo que os próprios lobbies, de forma inédita, pediram, por carta, a extinção dessa comissão.

Mas tem consequências. A partir de fevereiro, dada a pouca chuva em dezembro e janeiro, mais UTEs já deveriam ter sido acionadas. Um dos efeitos seria elevar o custo marginal de curto prazo. A conta, neste caso, iria mais para os geradores hidrelétricos e para quem estivesse “vendido” no mercado spot. Os reservatórios estariam acima dos 65%.

Agora, ao que tudo indica, as UTEs serão acionadas “por fora”, isto é, à revelia do modelo matemático. A conta, neste cenário, cairá na vala comum dos encargos, com responsabilidade proporcionalmente maior para os consumidores cativos - eu e você. Supondo o acionamento de 4 GW adicionais de UTEs por cinco meses, a um custo de R\$ 450/MWh, a despesa total será de quase R\$ 7 bilhões, mais de 3% da tarifa.

É o custo de operar no modo “por fora”. É o volume de dinheiro que troca de bolso, que cairá na conta de luz do pequeno consumidor. E é o gatilho da bandeira tarifária, que aumenta imediatamente as despesas.

Não é desprezível a probabilidade de sermos, mais uma vez, seriamente castigados. Por ironia, há uma capacidade instalada de geração quase duas vezes e meia maior que a carga, mas a luta será árdua para escaparmos de uma escassez de oferta. E não fugiremos de novos aumentos na conta de luz.

Mas tenha certeza: os marqueteiros já foram mobilizados, antes mesmo das UTEs. E as agências de lobbies se movimentam para garantir a socialização dos custos e a apropriação dos benefícios, de preferência por meio de suas iluminadas bancadas no Congresso Nacional, onde o pequeno consumidor sempre perde.